



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CAMPUS JAGUARÃO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

EDUARDA DE SOUZA COSTA

**GUASQUERIA EM JAGUARÃO: TÉCNICA E SIGNIFICADOS NA PERSPECTIVA
DE UM *SOUVENIR***

Jaguarão
2018

EDUARDA DE SOUZA COSTA

**GUASQUERIA EM JAGUARÃO: TÉCNICA E SIGNIFICADOS NA PERSPECTIVA
DE UM *SOUVENIR***

Trabalho de Projeto Aplicado I apresentado ao Curso
Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da
Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão

Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra Buriol Farinha

Jaguarão
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me concedido saúde e força para que eu conseguisse desenvolver e concluir este trabalho, acredito que sem fé não chegamos a lugar algum.

Aos guasqueiros que contribuíram muito para este trabalho, me recebendo em suas casas, dispostos a explicar toda a história e significado da guasqueria para eles, agradeço por todas as contribuições e que Deus sempre esteja ao lado de vocês fazendo com que continuem com este belo trabalho por muitos anos.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Alessandra pela orientação, apoio, confiança, empenho e tempo dedicado para que este trabalho fosse finalizado. Importante ressaltar que este carinho e admiração que tenho por ti surgiram logo no primeiro semestre, bem como o tema deste trabalho, que surgiu através de uma disciplina ministrada por ti. Muito obrigada por tudo!

À Prof.^a Ma. Vanessa que foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, bem com o relatório de práticas profissionais I, nada disso teria acontecido sem o teu empenho e confiança. Muito obrigada por tudo!

Ao meu pai, José Pedro Teixeira Costa que nas horas de dificuldade sempre esteve ao meu lado, oferecendo o apoio necessário e acreditando no meu potencial! Obrigada por tudo, meu pai!

Aos meus avós paternos, Maria Carmela Teixeira Costa e Pedro Costa e maternos Acília Pereira de Souza e Vilmar Santana de Souza, que estiveram ao meu lado em mais uma conquista, vocês são exemplos para mim! Sou eternamente grata por tudo que fizeram e fazem por mim.

À minha colega e fiel escudeira Helora Dilélio, pessoa que não tenho palavras para descrever, estamos juntas desde os 6 anos de idade, sabes o quanto és importante para mim. E parabéns para nós, por estarmos juntas para compartilhar mais esta conquista!

Por fim, agradeço a todas as pessoas que sempre torceram por mim, e que de alguma forma ou outra sempre estavam me dando apoio e incentivo para sempre lutar e seguir em busca dos meus sonhos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para os meus avós paternos, Maria Carmela Teixeira Costa e Pedro Costa, pessoas que sempre estão comigo e que todos os dias estão me ensinando coisas novas, não tenho palavras para descrever o imenso carinho que sinto por eles, sou grata por cada ensinamento, cada conselho, cada experiência trocada, são tudo para mim. Muitas vezes deixaram de lado o que estavam fazendo, para me escutar, para me dar aquele abraço que simplesmente faz com que tudo fique mais tranquilo. Nada do que eu escrever aqui, será suficiente para representar o amor e a gratidão que tenho por eles, então este trabalho é uma forma de retribuir todo o carinho, apoio e confiança que sempre depositaram em mim, com certeza este trabalho não teria sido finalizado sem a participação de vocês. Amo vocês e mais uma vez, muito obrigada por tudo!

RESUMO

Esse trabalho tem como principal objetivo realizar a descrição da técnica guasqueira realizada no município, orientado pela importância e valor cultural que a técnica representa para Jaguarão e para os guasqueiros, bem como buscar entender o motivo desses guasqueiros, terem escolhido esta profissão como meio de sobrevivência. Este trabalho possui pesquisa de caráter exploratório, foram realizadas pesquisas bibliográficas, registro das peças e entrevistas com quatro guasqueiros. Houve uma perda em relação a pessoas interessadas em aprender e trabalhar com a guasqueria, o que futuramente, causará um esquecimento em relação a técnica. Esta técnica é feita manualmente onde são retirados tentos do couro para a confecção das peças, exige tempo e habilidade. Além disso, possui vínculo com a zona rural, fazendo parte de história de ocupação do território do RS. Atualmente os guasqueiros residem na zona urbana de Jaguarão. Ao fazer a relação da técnica com o turismo, este estudo concentra-se em visualizar a técnica na perspectiva do *souvenir*, a fim de comercializar pequenos objetos em guasqueria para o turista que vem até o município. Assim, torna-se necessário reforçar a representação que a guasqueria possui na representação na cultura e na identidade local, fazendo com o que os guasqueiros se sintam motivados a produzir o *souvenir* com a técnica da guasqueria, ocasionando no reconhecimento e valorização do seu trabalho. Por fim, com a conclusão do trabalho, observa-se que apenas um guasqueiro possui interesse em trabalhar com *souvenir*, inclusive já faz alguns artefatos.

Palavras-chave: *Souvenir*. Guasqueria. Identidade. Couro Cru. Jaguarão-RS.

RESUMEN

Este trabajo tiene como principal objetivo realizar la descripción de la técnica guasqueira realizada en el municipio, orientado por la importancia y valor cultural que la técnica representa para Jaguarão y para los guasqueros, bien con buscar entender el motivo de esos guasqueros, haber escogido esta profesión como medio de supervivencia. Este trabajo tiene una investigación de carácter exploratorio, se realizaron investigaciones bibliográficas, registro de las piezas y entrevistas con cuatro guasqueros. Hubo una pérdida en relación a las personas interesadas en aprender y trabajar con la guasquería, lo que en el futuro causará un olvido en relación a la técnica. Esta técnica se realiza manualmente donde se quitan los techos del cuero para la confección de las piezas, exige tiempo y habilidad. Además, tiene vínculo con la zona rural, haciendo parte de historia de ocupación del territorio del RS. Actualmente los guasqueros residen en la zona urbana de Jaguarão. Al hacer la relación de la técnica con el turismo, este estudio se centra en visualizar la técnica en la perspectiva del souvenir, a fin de comercializar pequeños objetos en guasquería para el turista que viene hasta el municipio. Así, se hace necesario reforzar la representación que la guasquería posee en la representación en la cultura y en la identidad local, haciendo con lo que los guasqueros se sienten motivados a producir el souvenir con la técnica de la guasquería, ocasionando en el reconocimiento y valorización de su trabajo. Por último, con la conclusión del trabajo, se observa que sólo un guasqueo tiene interés en trabajar con souvenir, incluso ya hace algunos artefactos.

Palabras clave: Souvenir. Guasqueria. Identidad. Cuero Crudo. Jaguarao-RS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul, localizando Jaguarão	10
Figura 2: Capa Livro Mão Gaúcha	21
Figura 3: Coureada	22
Figura 4: Tipo de estaqueamento	23
Figura 5: Retirada do couro em tentos	23
Figura 6: Tranças	24
Figura 7: Mateira	33
Figura 8: Cintos em couro	34
Figura 9: Faca de lonqueamento	35
Figura 10: Souvenir feito por um guasqueiro	36

Sumário

1. Introdução	9
1.1 Problema de pesquisa	11
1.2 Objetivo Geral	11
1.3 Objetivos específicos	11
1.4 Justificativa	12
1.5 Metodologia	13
2. Jaguarão e a tradição da pecuária	15
2.1 Surgimento e descrição da técnica da Guasqueria	18
3. A importância dos <i>souvenirs</i> para o turismo	25
3.1 O significado cultural do <i>souvenir</i>	27
4. Resultados da Pesquisa: Entrevistas e análises dos depoimentos dos guasqueiros de Jaguarão	30
5. Considerações finais	36
Referências	39

1. Introdução

Ao pensar nas peculiaridades da vida campeira, nota-se uma identidade que caracteriza as atividades realizadas no espaço rural, como o hábito que os gaúchos possuem deles mesmos fazerem o seu churrasco, cuidar dos animais e criar suas técnicas de sobrevivência com específicas ferramentas de trabalho. Neste contexto, de acordo com Alves (2002), “uma identidade local forte, pode reforçar a imagem e a singularidade, tanto dos produtos turísticos quanto dos outros produtores locais” (ALVES, 2002, p. 76).

A guasqueria é uma técnica artesanal de fabricação de objetos geralmente ligados à lida do campo que surgiu no ambiente rural, a partir de excedentes de matéria-prima animal: o couro. São objetos que remetem à identidade e tradições campeiras, e podem ser considerados bens culturais. De acordo com Barretto (2000), a noção de patrimônio cultural abrange tanto os bens tangíveis (materiais) como os intangíveis (imateriais), abarcando desde as manifestações artísticas, até os saberes e fazeres produzidos historicamente pelo homem. Nesta perspectiva, a guasqueira é uma prática artesanal que trabalha com o couro cru do animal, quem trabalha com esta arte é chamado de guasqueiro.

Os guasqueiros confeccionam peças como bainha de faca, guaiaca, chaveiros, mateira, relho, rebenque, arreio, rédeas e cabeçada entre outros. A guasqueria é o saber fazer cultural que vem sendo transmitido de geração para geração entre os primeiros gaúchos que além de produzir as peças para seu consumo, também comercializam. Se pode assimilar que, na guasqueria, “[...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação” (HALL, 2006, p. 71), ela faz representar quem vive da lida do gado, atividade que designa-se em sair a cavalo para o campo para cuidar dos bovinos.

A guasqueria possui características específicas para trabalhar com o couro cru. Conforme mencionado, esta manifestação cultural baseia-se na elaboração das peças necessárias para o cotidiano dos gaúchos e para enfeitar festas crioulas (rodeios¹ e

¹ Rodeio de acordo com Rodrigues (2014), deriva do espanhol *rodeo*, que significa circundar, rodear, ou seja, antes de dar nome ao esporte de montaria, designava a atividade de cercar o gado e apartá-lo nos currais.

Semana Farroupilha²) que utilizam os objetos feitos manualmente por esses artesãos da guasqueira, com isso a exibição do trabalho dos guasqueiros torna-se pública para que a comunidade tenha conhecimento sobre a importância da arte para o Rio Grande do Sul.

A técnica guasqueira que é desenvolvida em Jaguarão, município situado no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, conforme mapa de localização situado na Figura 01, é vista como uma técnica tradicional do município, uma arte antiga no estado que faz referência à atividade pecuária que historicamente marca a origem do estado. Para a fabricação de qualquer tipo de peça é necessário técnica e habilidade, além de ser considerada manifestação cultural também é usada como instrumento de trabalho no cotidiano dos gaúchos. Desta maneira, o trabalho feito artesanalmente enquanto trabalho humano integra arte e técnica, materialidade e imaterialidade, e possui uma dupla dimensão: cultural e econômica (BOURDIEU, 2004). Sendo assim, percebe-se a necessidade da valorização do trabalho artesanal visto que o mesmo integra vários aspectos relacionados com o artesanato.

Figura 01: Mapa do Rio Grande do Sul, localizando Jaguarão



Fonte: Abreu, 2006.

Em relação, a prática guasqueira ser transmitida de geração em geração, podemos dizer que “as construções culturais são parte de um uníssono de

² A Semana Farroupilha de acordo com acontece de 14 a 20 de setembro, o Rio Grande do Sul celebra sua maior festa popular, é um período dedicado ao culto às tradições locais em todas as cidades gaúchas e algumas regiões de Santa Catarina (GURGEL, 2017).

experiências históricas, vividas de forma integrada, portanto, dinâmicas no tempo” (MENESES, 2004, p. 20). A guasqueria, segundo Machado “[...] surge com a colonização do continente latino americano no século XV, pelos espanhóis e portugueses, quando trouxeram esses animais por meio de navios de carga, para explorá-los como produtos voltados para a alimentação[.]” (MACHADO, 2016, p. 796), compõem a identidade do que ao ter a matéria prima e a necessidade de trabalhar no campo, cria suas ferramentas de trabalho, assim o ato de confeccionar suas próprias peças torna-se uma experiência adquirida no decorrer do tempo.

As peças feitas de couro cru podem ser analisadas como objetos que tiveram destaque através do “[...] aparecimento de uma produção cultural especialmente destinada ao mercado e, em parte como reação contra esta, de uma produção de obras "puras" e destinadas à apropriação simbólica” (BORDIEU, 2004, p. 162). Com isso, o autor enfatiza que a produção cultural destinada a comercialização, torna os objetos significantes devido a memória, a identidade e toda as vivências representadas por um único objeto/peça.

1.1 Problema de pesquisa

Tendo em vista que a guasqueria tem uma imensa representação junto ao gaúcho, à rotina de trabalho do trabalhador do campo, como a técnica guasqueira desenvolvida no município de Jaguarão, pode ser analisada na perspectiva do *souvenir*?

1.2 Objetivo Geral

Estudar a técnica guasqueira desenvolvida no município de Jaguarão, através da perspectiva do objeto de guasqueria como *souvenir*.

1.3 Objetivos específicos

- Descrever a técnica guasqueira e apresentar suas principais características;
- Demonstrar a situação atual da guasqueria e dos guasqueiros em Jaguarão;
- Registrar algumas peças produzidas por artesãos da guasqueria.
- Analisar a possibilidade de inserção da guasqueria como um *souvenir* de Jaguarão, por sua representatividade na cultura e identidade local.

1.4 Justificativa

A proposta deste estudo surgiu com a percepção de que a prática da guasqueira é uma técnica de artesanato que devido à queda na produção de pecuária e das fazendas, faz com que essa torne-se pouco necessária diminuindo a procura para aprender está, na cidade de Jaguarão/RS, ao passo que a técnica possui importância na identidade cultural da comunidade. A fim de possibilitar que as pessoas que visitam o município tenham um contato com a cultura local através do *souvenir*.

O trabalho artesanal possui a característica de ser uma atividade de produção manual exercido por grupos sociais familiares de forma informal, como uma complementação de renda e faz parte da sociedade contemporânea (KELLER, 2014). A importância da prática e do saber fazer artesanal para os gaúchos é uma forma de independência e aumento de sua renda.

Para tanto, é necessário compreender o valor que possui este tipo de artesanato, conhecer a história da prática guasqueira e a possibilidade de criação de objetos de guasca serem sejam comercializados como *souvenirs*. Através de um planejamento e organização, os guasqueiros poderiam confeccionar peças direcionadas ao turista que vem conhecer a cidade e possui interesse na cultura do município. O incentivo à comercialização das peças junto aos turistas pode ser uma forma de dar continuidade e incentivar a permanência da tradição guasqueira na região.

Assim, a ideia de realizar um trabalho direcionado para a guasqueria surgiu com o intuito de conhecer melhor a técnica e suas peculiaridades, o valor cultural que a guasqueria representa para os guasqueiros/artesãos que confeccionam as peças e para a comunidade local que tem a oportunidade de fazer uso destas peças. Ainda, ressaltar as dificuldades encontradas para a confecção das peças, sendo os limites impostos pela falta de matéria prima e a falta de visibilidade dos artesãos no município, como também pela falta de persistência do “aprendiz”.

A escolha pessoal por este tema da guasqueira para ser o tema do trabalho de conclusão de curso baseia-se também na familiaridade que tenho com a cultura gaúcha, pois na minha infância morei na zona rural de Jaguarão e meu avô materno que sempre trabalhou no campo, confeccionou algumas peças em couro cru para auxiliar nas atividades campeiras. No entanto, com o passar do tempo meu avô assim como alguns guasqueiros, parou de fazer estas peças, sem ter a oportunidade de compartilhar o seu conhecimento com ninguém, pois não houve interesse de nenhum

familiar em continuar o trabalho com o couro. Fato este que também desmotivou meu avô a seguir produzindo, isso acabou despertando curiosidade em entender, os motivos pelos quais as pessoas simplesmente abandonaram esta técnica, sendo que a mesma é uma cultura do município.

1.5 Metodologia

A metodologia usada neste trabalho é qualitativa, de natureza básica e caráter exploratório com entrevistas semiestruturadas. De acordo com Mattar a pesquisa exploratória:

[...] visa prover o pesquisador de um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. Por isso é apropriada para os primeiros estágios da investigação, quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno por parte do pesquisador são geralmente insuficientes ou inexistentes (MATTAR, 1994, p. 84).

Sendo assim, pode se dizer que o principal objetivo da pesquisa exploratória é buscar a familiarização com o tema e a exploração do mesmo, apresentando informações que servirão como diretrizes para ações de transformação da realidade.

Ainda sobre a pesquisa de caráter exploratório, Gil (2002, p. 41) afirma que o planejamento deste tipo de pesquisa é “bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”. Ao escolher a pesquisa exploratória, o pesquisador consegue abordar vários temas dentro de um único objeto de estudo, com isso, ao elaborar a pesquisa é fundamental pensar na abrangência que possui o tema estudado.

Nesse sentido, os resultados serão apresentados de maneira qualitativa, apresentando conceitos e análises a partir das informações coletadas através das fontes, sendo elas pesquisa bibliográfica e entrevistas. Segundo o autor Richardson (1999), a pesquisa qualitativa

pode ser caracterizada com a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas, pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (RICHARDSON, 1999, p.20).

O modelo qualitativo de acordo com Denker (2002) é adequado para obtenção de informações mais profundas de casos específicos, sem generalizações. Para isso,

esta pesquisa tem como principal objetivo analisar a guasqueria realizada na cidade de Jaguarão e relacionar a mesma como um *souvenir*.

A elaboração da pesquisa inclui, a pesquisa bibliográfica que consiste na primeira etapa de um trabalho científico, é utilizada com o intuito de coletar informações. De acordo com Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos".

Foi realizado um levantamento de dados onde informações obtidas através de questionamentos a públicos específicos, o levantamento de dados foi feito através de entrevistas semiestruturadas. Marconi e Lakatos (2010, p.196), afirmam que a entrevista "trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado". Neste caso foram entrevistados quatro (04) guasqueiros do município de Jaguarão, foram entrevistados em suas casas, onde possuem um espaço para a confecção das peças, apenas um guasqueiro foi entrevistado no local de trabalho. As entrevistas foram realizadas com o intuito de coletar dados. Registro em vídeos das entrevistas realizadas com os guasqueiros para uso em um trabalho de avaliação na disciplina História e Cultura de Fronteira, com isso os dados apresentados neste trabalho foram coletados de novembro de 2017 a novembro de 2018.

Foi utilizada uma fonte primária, um livro que relata a técnica da guasqueria, intitulado "Mão Gaúcha Trançados em couro" de autoria desconhecida, no decorrer dos capítulos são encontradas definições sobre os materiais necessários para o preparo das peças e todas as informações sobre o preparo do couro. O livro é consideravelmente ilustrativo, contendo imagens de todos os processos que o guasqueiro necessita saber. Foram feitas digitalizações e fotografias do livro "Mão Gaúcha Trançados em couro".

Por fim, a apresentação dos resultados qualitativos foi através de análise direcionada ao objetivo deste estudo, de modo que se cumpra o papel científico deste trabalho.

O trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente foi feita uma contextualização sobre Jaguarão e a tradição da pecuária, é possível verificar a relação do espaço rural com o espaço urbano, o surgimento e descrição da guasqueria no município. Logo, foi construído um referencial teórico sobre a importância do *souvenir* para o turismo e o significado cultural do mesmo. Por fim, foram

apresentados os resultados obtidos no decorrer da pesquisa de campo, evidenciando a teoria em conjunto com as entrevistas e os depoimentos dos guasqueiros.

2. Jaguarão e a tradição da pecuária

O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido na cidade de Jaguarão. A cidade está situada no sul extremo do país, na fronteira com Rio Branco. Conforme estimativas do site do IBGE (2010), o município possui aproximadamente 27.931 habitantes e sua área territorial equivale a 2.051,021 km², e sua economia baseia-se na agricultura, pecuária e no comércio.

Como dito acima, parte da sua economia está concentrada na pecuária, com isso destaca-se a importância que a vida no campo tem para a comunidade local. Daí surgem as necessidades de “se virar com o que tem”, por conta de muitas pessoas que residem na zona rural não terem condições de virem até a cidade comprar mantimentos, utensílios de trabalho, vestuário, entre outros.

Em um contexto sobre o trabalho desenvolvido pelo gaúcho, as autoras Bilhalva e Rodrigues, relatam que:

Há inúmeras atividades que podem compor “lida campeira” e, entre essas, estão os saberes e fazeres da esquila, doma, tropeirismo, lida caseira, feitura de aramados, ofício do guasqueiro e pastoreio (BILHALVA; RODRIGUES, 2018, p. 115).

Quando se fala em lida campeira, há uma imaginação do homem gaúcho vestindo bombacha, bota e espora, realizando o trabalho de campo juntamente com o cavalo, animal este que participa ativamente do trabalho no campo, que faz o transporte do homem, auxilia na lida para recorrer o gado. A atividade realizada pelo gaúcho em pegar o cavalo e “recorrer” os campos, faz parte desta lida campeira, que pode ser intitulada como parte da tradição dos gaúchos, sendo assim, Howes Neto (2009, p. 77) afirma que “a tradição é um paradigma, pressupõe continuidade, estabelece algo a ser seguido”.

Uma das atividades que também compõem a lida campeira é o ofício do guasqueiro que é o principal foco neste trabalho, onde pode-se dizer que é uma união entre homem, natureza e animal, sendo o trabalho do guasqueiro, fundamental para o exercício das atividades do cotidiano campeiro. Ao referir-se a lida campeira, as autoras Rieth, Rodrigues e Silva (2014, p. 1), definem que:

As lidas campeiras correspondem a um conjunto de ofícios executados na manutenção das estâncias e demais propriedades rurais voltadas para a atividade econômica de criação, manutenção e reprodução de rebanhos de gado bovino, equino e ovino (RIETH; RODRIGUES; SILVA, 2014).

A atividade guasqueira é uma prática que se baseia na cultura de cavalos, ou seja, utiliza matéria prima, o couro dos animais, em específico o couro dos bovinos. Alvares afirma que:

O couro sempre esteve presente na vida do gaúcho, tanto que era comum os brasileiros de outros estados atribuírem a denominação “guasca”, que significa tira de couro cru, aos nascidos no Rio Grande do Sul (ALVARES, 2014, p. 45).

Então, pode-se afirmar que o gaúcho sempre teve familiaridade com a lida campeira, com o gado, o cavalo e o couro. Devido a este fato, havia abundância de couro, então ao criar as suas próprias peças, os gaúchos criaram a guasqueria, um trabalho feito manualmente, onde sua principal fonte de matéria prima, é o couro extraído do gado, principalmente o bovino.

Os autores Oliveira, Guillen e Boeck afirmam que:

A vastidão do pampa, o cavalo e a faca, formam a trilogia que moldou a tempera do gaúcho. A faca crioula arma de defesa, e utensílio de mil utilidades, chegou a nossos pagos através dos conquistadores, em especial, os espanhóis [...] (OLIVEIRA; GUILLEN; BOECK, 2008).

De acordo com os autores, a faca, o cavalo e os utensílios de uso campeiro são elementos fundamentais na vida do gaúcho, vale lembrar que assim como a faca, e o cavalo, o couro também surgiu a partir da criação do gado bovino e a vasta quantidade de couro fez com que os gaúchos, passassem a produzir mais peças em couro.

A partir desta ideia de “se virar com o que tem”, que a guasqueria encaixa-se na vida dos peões, capatazes das estâncias gaúchas, a necessidade de confeccionar as peças para uso no trabalho. Com isso Caldeira, proporciona uma reflexão sobre as condições apresentadas antigamente:

[...] os peões campeiros, ou seja, os gaúchos primitivos tinham hábitos peculiares. Isso se pode justificar pelas condições como viviam, ou seja, ainda se baseavam na caça de bois e na venda de couro, assim como outros costumes como o chimarrão (CALDEIRA, 2018, p. 17).

Conforme a citação acima percebe-se que devido as condições precárias, os gaúchos apresentavam hábitos diferentes, o autor também cita os abates de bovinos e a comercialização do couro, este definido como principal matéria-prima dos guasqueiros, por conta da quantidade de couro, que era descartado naquela época. De acordo com Ribeiro (1995, p. 413), “os gaúchos brasileiros especializavam-se na exploração do gado, alçado e selvagem, que se multiplicava prodigiosamente nas pradarias naturais das duas margens do rio da Prata”. O autor também descreve algumas características do que para ele é considerado a imagem do gaúcho:

O gaúcho montado em cavalo brioso, da bombacha e botas, de chapéu com barbicacho, de pala vistosa, revólver, adaga e o dinheiro metido na guaiaca, de boleadeiras enroladas na cintura, lenço ao pescoço, faixa na cintura em cima dos rins, esporas chinelas, etc. (RIBEIRO, 1995, p. 421).

Então, após esta descrição em relação a imagem do gaúcho, é possível dizer que esta maneira de viver, junto aos costumes e as tradições, são características do povo gaúcho que vivia em poucas condições. Aprendendo a manter-se com o que estava disponível, por exemplo, o couro extraído do gado para confeccionar as ferramentas de trabalho.

Com isso, vale lembrar que o desenvolvimento econômico de Jaguarão, gira em torno da pecuária, onde o município apresenta uma vasta zona rural, onde as pessoas ainda enxergam o campo como um lugar com potencial para viver e trabalhar.

Jaguarão, além de ter essa identidade rural consolidada, tem bens patrimoniais materiais e imateriais preservados, o que pode ser enfatizado na perspectiva de ser um destino turístico potencial. No centro histórico de Jaguarão, por exemplo, percebe-se a existência de um conjunto arquitetônico que representa o patrimônio histórico. Além disso, a cidade também tem potencial na zona rural onde os recursos naturais poderiam ser utilizados como produto turístico. A proposta de *souvenirs* que remetam à identidade do local faz com que a memória dos turistas esteja vinculada às tradições, memória e identidade locais. Da mesma forma, o artesão da guasqueria tem a possibilidade de ganhar uma renda extra, além da valorização da sua cultura.

O autor Joel Candau faz uma análise sobre identidade, no qual enfatiza seu surgimento e a abrangência da mesma:

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais -, mas

são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioambientais – situações, contexto, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas (CANDAUI, 2011, p. 27).

Ao fazer uma reflexão a partir da citação acima, se pode afirmar que a identidade é produzida e reproduzida ao decorrer do tempo, ressalta-se também que a memória e a identidade juntamente com o modo de fazer, são importantes no ato de confecção das peças guasqueiras, levando em conta que nenhuma peça será idêntica à outra, sempre haverá alguma modificação.

2.1 Surgimento e descrição da técnica da Guasqueria

A guasqueria origina-se no “[...] período de colonização espanhola e portuguesa na América do Sul, quando o “gaúcho histórico” começava a se desenhar nos campos do Rio Grande do Sul e dos países do Prata” (SCHLEE; SOUZA, 2007). O autor Alvares, ao estudar a guasqueria diz que a técnica possui quatro momentos, onde o primeiro momento:

[...] é caracterizado como o trabalhador rural (gaúcho) que necessita desenvolver artefatos para suas atividades diárias, para isso passa a utilizar principalmente o couro cru, pois é um produto em abundância na região e apresenta as características físicas perfeitas para as atividades no campo, como flexibilidade e resistência (ALVARES, 2014, p. 45).

Este momento em que o autor se refere, caracteriza a essência do guasqueiro, sendo os peões e capatazes que precisavam de ferramentas para exercer o seu ofício, ou seja, se fossem comprar todas as ferramentas que necessitavam, seria um custo alto, mas também por não existir local voltado para a comercialização da guasqueria, sendo assim aproveitaram a quantidade de couro disponível naquela época e confeccionavam suas próprias peças. Em relação ao segundo momento, o autor afirma que:

Com o surgimento das estâncias, após a expulsão dos jesuítas, fica mais evidente o processo de divisão do trabalho dentro destas imensas propriedades rurais, que eram uma mistura de comunidade e empresa, pois o local onde trabalhavam e que pertenciam era o mesmo. [...] o guasqueiro torna-se um trabalhador especializado, dedicando-se exclusivamente à atividade de guasqueria, o que levou ao aprimoramento de suas técnicas (ALVARES, 2014, p. 47).

Neste contexto, podemos dizer que o guasqueiro ao se dedicar apenas para o seu trabalho, possui tempo para qualificar os seus serviços e com isso, conquista sua autonomia, ou seja, transforma o seu conhecimento e sua cultura em fonte de renda para sua sobrevivência. O terceiro momento da guasqueria, representa:

[...] a fase onde o Rio Grande do Sul deixa de centrar suas atividades econômicas somente em função da pecuária e diversifica os seus meios de produção, dando lugar para a agricultura, manufaturas de outros produtos e princípio de um desenvolvimento industrial (ALVARES, 2014, p. 47).

Com o princípio do desenvolvimento industrial, diminuiu a procura pelos trabalhos dos guasqueiros, visto que é um trabalho mais caro, devido ao preparo e cuidado com o couro, juntamente com o tempo aplicado para a confecção de cada peça. Então, essa diminuição na procura pelos artefatos em couro cru, se deu por conta da inserção do couro industrializado no mercado, material mais barato, porém com menor durabilidade. O autor, define o quarto momento da guasqueria como:

O período atual, no qual se observa cada vez mais a diminuição da profissão de guasqueiro. Na maior parte das vezes, a guasqueria é uma atividade secundária utilizada como um complemento de renda e também como uma maneira de preservar as tradições (ALVARES, 2014, p. 48).

A partir desta definição do quarto momento da guasqueira, percebe-se que é o momento vivido no município de Jaguarão, onde poucos guasqueiros usam a guasqueria como fonte de sobrevivência. Enquanto a maioria ainda confecciona alguma peça por conta do respeito que sente pela técnica e o significado que a mesma possui em suas vidas.

A técnica guasqueira pode ser definida como elemento de expressão da cultura gaúcha do município, visto que existem diversidade de culturas, sendo assim Santos (2006, p. 19) diz que “é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos”.

De acordo com a reflexão realizada sobre a diversidade cultural existente entre grupos sociais, é válido ressaltar que a técnica guasqueria compõem a identidade, memória e a herança cultural do guasqueiro.

Ao falar na técnica guasqueira, é importante comentar sobre a profissão dos gaúchos que trabalham com este tipo de arte. Schlee e Souza (2007, p. 1) afirmam que “chama-se "guasqueiro" no Brasil, "*guasquero*" ou "*soguero*" na Argentina e no Uruguai, o artesão que usa como principal matéria prima de seus trabalhos o couro cru, couro vacuum sem ser curtido” (2007, p. 1).

Ao analisar o contexto histórico da guasqueria, Schlee e Souza relatam como se deu o início desta prática aqui no Rio Grande do Sul:

A partir da cultura equestre, herdada de portugueses e espanhóis com suas raízes árabes, aliado a arte de marinharia e sem esquecer da influência indígena, nasce um tipo de trabalho único, dado a complexidade e diversidade de suas técnicas, assim como o esmero na busca da beleza estética (SCHLEE; SOUZA, 2007, p. 1).

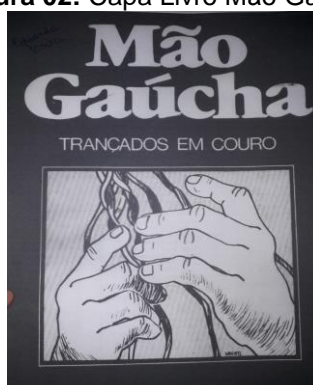
Além disso, a guasqueria pode ser vista como uma expressão da memória, que de acordo com Pollak (1992, p. 201) pode ser “[...] tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. Então a memória pode ser considerada como uma forma de expressão cultural que acaba agregando valor simbólico no preparo das peças.

Na perspectiva da memória, Candau (2011, P. 16), afirma que “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”, com isso o autor nos proporciona um momento de reflexão sobre memória, onde a mesma nos modela através das lembranças que temos sobre determinadas coisas, mas também é modelada por nós, visto que é praticamente impossível rememorar o passado.

Ao falar na guasqueria e no couro utilizado na confecção do mesmo, o livro, considerado um manual pelos guasqueiros, é intitulado “Mão Gaúcha Trançados em couro”. Foi uma fonte primária encontrada durante a pesquisa, sem editora nem nome do autor. O livro explica os processos de cuidado com o couro e confecção das peças, que são utensílios utilizados na lida campeira, que são confeccionados através do couro cru, dentre eles podemos destacar as cordas trançadas que são as rédeas, cabrestos, laços, entre outros.

O manual, mesmo sem conter catalogação, demonstra que, na época em que foi produzido, houve um empenhamento, um esforço para proceder um registro da guasqueria. A capa do livro pode ser vista na Figura 02.

Figura 02: Capa Livro Mão Gaúcha



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

O livro Mão Gaúcha também explica a diferença que há entre os tipos de couro:

Além dos couros vacum e cavalari são também utilizados: o couro de cabra (“chibo”), para tranças delicadas; a pele de enguia (“muçum”), para revestimento de pequenos objetivos. [...] utilizavam-se no artesanato dessa natureza, o couro de capivara (“capincho”), para “cordas” torcidas, o couro de veado para pequenas tranças e revestimentos e o couro de lagarto para forro de boleadeiras (Livro Mão Gaúcha, s/d, p. 27).

Através desta explicação, percebe-se a importância do trabalho do guasqueiro em selecionar o couro que possui melhor qualidade para que a peça em guasqueria tenha boa durabilidade.

Sobre a técnica da guasqueria, pode-se mencionar que, primeiramente há alguns processos necessários para a preparação do couro, pode-se destacar a coureada, a raspagem do pelo, popularmente conhecida como “lonqueamento”, o estaqueamento, a retirada em partes do couro para fazer os tentos, obtenção dos tentos e por fim, a confecção das tranças. A seguir serão utilizadas algumas definições encontradas no livro Mão Gaúcha, para cada etapa utilizada no processo de preparação do couro.

Coureada é o ato de despegar o couro do animal morto, é quando o guasqueiro começa o preparo do couro, como pode-se observar na figura 03, onde a imagem mostra o couro sendo retirado do animal recém abatido.

Figura 03: Ilustração da Coureada

Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

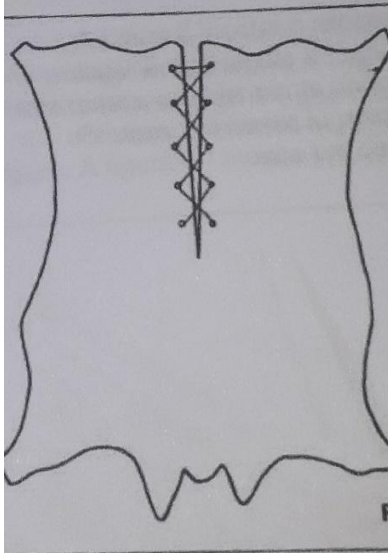
Cabe ressaltar que, para a guasqueria, quanto mais limpo o couro estiver, maior será o seu aproveitamento, e além disso, segundo o mesmo livro, há uma crença de que o couro obtido na lua nova torna-se quebradiço e com pouca resistência (Livro Mão Gaúcha, s/d p. 27). Essa crença em relação a melhor lua para fazer o preparo do couro, faz parte da cultura popular.

O próximo passo no processo de preparação do couro é o lonqueamento, onde “lonca”, é o nome dado ao couro limpo, livre de todos os pelos, a parte interna e a externa do couro também recebem nomes específicos, no qual a interna chama-se de “carnal” e a externa de “flor”. É importante lembrar que o este processo tem de ser feito com o couro úmido, a forma de lonquear mais utilizada pelos guasqueiros é estender o couro sobre a perna e com o auxílio de uma faca afiada, começar a raspar o pelo, sempre no sentido da raiz do mesmo, para efetuar este procedimento, é necessário ter habilidade e paciência, após o lonqueamento é necessário lavar o couro e secá-lo na sombra, para logo após ser estaqueado (Livro Mão Gaúcha, s/d p. 28)

O estaqueamento é o processo que vai definir, o rendimento do couro, onde deve ser estaqueado com o carnal para cima, é indicado que o estaqueamento seja feito sobre uma parede de madeira, com o uso de pregos, onde a parte do couro que corresponde a cabeça do animal, deve ficar para baixo. Na figura 04, será mostrado

um tipo de estaqueamento original, porém pouco conhecido, onde é feito um corte na parte traseira do couro até o meio do mesmo (Livro Mão Gaúcha, s/d p. 28)

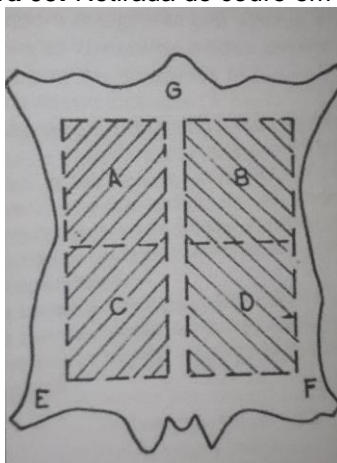
Figura 04: Tipo de estaqueamento



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

A retirada do couro em partes para fazer os tentos, baseia-se em dividir as regiões que fornecem o tento em retângulos para melhor aproveitamento da matéria prima. Como podemos observar na figura 05, as regiões das letras A, B, C e D fornecem tentos para cordas e as regiões E e F fornecem tentos mais delgados, por se localizarem na zona da barrigueira (Livro Mão Gaúcha, s/d, p.28)

Figura 05: Retirada do couro em tentos

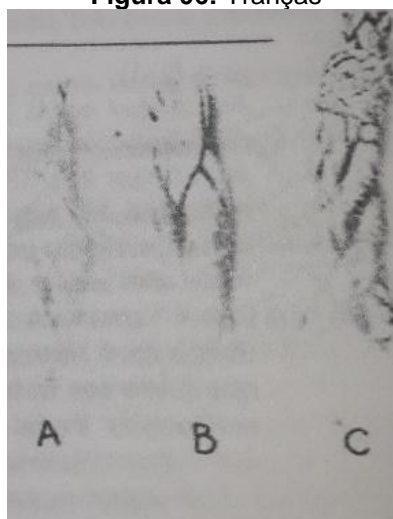


Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d.

A obtenção dos tentos, é feita através de cortes a partir de uma tira mais larga (lonca), os tentos para cordas, por exemplo, laços, rédeas, são geralmente cortados no formato de círculo, a partir dos retângulos da figura 5.

As tranças que são definidas como um conjunto de tentos (fios) entrelaçados, são confeccionadas a partir do ajuste dos tentos que devem ser previamente umedecidos, com o intuito de facilitar o manuseio do guasqueiro, e após secar farão com que a trança fique mais uniforme e mais duradoura. Ao terminar uma trança, costuma-se “maceteá-la” levemente, acomodando-se as partes que não ficarem bem assentadas umas nas outras. A figura 06, mostra os tentos bem separados para obter melhor entendimento dos movimentos dos tentos, em conjunto, ao finalizar a trança deve-se “arrematar” as pontas.

Figura 06: Tranças



Fonte: Livro Mão Gaúcha, s/d

Esta parte do trabalho utilizou o livro “Mão Gaúcha Trançados em couro” como principal fonte e teve como objetivo mostrar os elementos e conhecimentos necessários para que o guasqueiro, enfim confeccione uma peça. Esta contextualização é de suma importância para o trabalho, pois percebe-se o quão trabalhoso é o trabalho desenvolvido pelos guasqueiros. No próximo capítulo será abordada a importância dos *souvenirs* para o turismo.

3. A importância dos *souvenirs* para o turismo

O turismo, segundo Barretto (2007, p. 9), “[...] é um fenômeno social que atualmente abrange o mundo inteiro, do ponto de vista geográfico, e todos os grupos e camadas sociais”. É uma atividade que vem crescendo cada vez mais, devido as motivações e necessidades das pessoas em querer visitar outros lugares, conhecer outras culturas “consumindo” espaços, infraestruturas, serviços e objetos.

Com isso, é necessário realizar a segmentação do turismo, onde de acordo com Panosso Netto e Lohmann (2008), “os segmentos do turismo são basicamente as divisões feitas para melhor satisfação dos clientes e também para melhor divulgação dos pacotes”. Sendo que é indispensável a existência de diversos tipos de atividades para que o turista escolha a segmentação que supra com as suas necessidades.

O *souvenir* é uma “recordação simbólica” do lugar que foi visitado pelo turista, que às vezes é comprado para ter na casa do turista para enfeite, outras vezes serve como presente obtido durante uma viagem, considerando que “as compras são uma parte importante das atividades de qualquer turista” (GOELDNER et al., 2002), para um amigo, familiar, colegas ou outro, com o intuito de mostrar que enquanto estava fazendo uma viagem, lembrou de tais pessoas. Essa “lembrança” dá nome ao objeto, souvenir que, de acordo com o Dicionário de Francês Berlitz (1987, p. 291), significa recordação, lembrança e o ato de recordar-se.

Nesta perspectiva de que o *souvenir* é visto como um objeto comprado como uma recordação, um presente para alguém especial destaca-se que a maioria dos turistas adquire algum artefato que efetivamente represente o destino turístico visitado, sendo assim o *souvenir* acaba sendo consumido com frequência pelos turistas. Essa representação pode ser uma bandeira, um objeto peculiar da região, a réplica de um monumento, gastronomia, alimentos, doces, dentre outros.

Segundo Ejarque (2005), um destino turístico deve ocupar um lugar no mercado turístico, ou seja, deve ser capaz de movimentar um fluxo de visitantes expressivo, tornando a atividade turística uma das bases econômicas do local. Neste sentido o autor proporciona uma reflexão sobre o aumento da atividade turística e a variedade de destinos turísticos presentes no mundo inteiro.

Ao relacionar o turismo com o *souvenir*, é importante ressaltar que o local de venda desse *souvenir* seja em um lugar estratégico, como por exemplo, próximo aos

principais atrativos dos destinos turísticos. Pois os *souvenirs* são criados em função da necessidade de ter um objeto que represente a experiência vivida naquele local. Sendo assim, podemos associar o *souvenir* como um “material” tangível que representa a experiência obtida durante a visita em determinado destino.

Neste contexto, Barretto (2007) faz uma análise sobre os impactos causados a partir do contato e da experiência que será vivida pelo turista, no destino e na comunidade local:

[...] os turistas, estão relacionados, em primeiro lugar, com os prestadores de serviços, e essa inter-relação afeta de diversas maneiras os outros membros da sociedade que se relacionam com estes prestadores de serviços e, circunstancialmente, com os turistas; [...] dessa inter-relação surgem novos dados que afetam de maneira diversa outro grupo ou outros grupos de pessoas (BARRETTO, 2007, p. 10).

O turista, ao adquirir um *souvenir* e trazer para a sua casa, acaba ele mesmo recordando do lugar visitado. Segundo os autores Medeiros e Castro, “trazer um *souvenir* e guardá-lo suscita sensações memoráveis à medida que proporciona a materialização desta lembrança” (MEDEIROS; CASTRO, 2007, p. 35). Ao adquirir um *souvenir*, procura-se algo que represente aquela etnia, o país, a cultura, os atrativos e a experiência vivida durante a viagem, a fim de materializá-la para futuras lembranças, seja para si ou para os presenteados.

Assim, o *souvenir* é um objeto diretamente ligado ao turismo, sendo que o mesmo pode ser considerado como um complemento da experiência vivida no destino turístico, assim é de suma importância que a comercialização destes objetos esteja em lugares estratégicos para que o turista se sinta atraído e com vontade de adquirir um objeto.

Essas reflexões fazem com que se compreenda o quão necessário é que os responsáveis pela confecção destes objetos, analisem o que identifica a cultura, a tradição e os costumes daquele lugar. Para então definir a imagem que representa aquele destino. Neste sentido Gândara afirma que “essa imagem é percebida pelos turistas conforme as informações recebidas e as experiências vividas em um determinado destino turístico” (GÂNDARA, 2008). Sendo assim, é importante fazer uma análise de mercado para definir o que desperta interesse e encantamento no turista, a fim de possibilitar que este compre esse objeto.

Por isso, a importância de um *souvenir* que represente o lugar, visto que nos dias atuais, alguns destinos não possuem visibilidade em relação às atividades turísticas desenvolvidas, então quando alguém vai até esse destino e adquire um *souvenir*, pode ser através da representação da paisagem e do espaço, que esse destino começa a receber mais turistas.

No setor do turismo, lugares que não possuem desenvolvimento turístico, infraestrutura e serviços adequados para bem receber os turistas, porém devido a uma pessoa decidir conhecer aquele lugar, e através da satisfação em relação a atrativos turísticos, hospitalidade e outros fatores que o turista irá recomendar o destino a outras pessoas, visto que apenas indicamos, o que remete satisfação. Neste sentido, se a pessoa que conhecer o lugar primeiro, adquirir um *souvenir* e presentear alguém com um objeto feito por um artesão local, por exemplo, estará instigando outras pessoas a também deslocar-se para aquele destino.

3.1 O significado cultural do *souvenir*

O turismo é conceituado a partir de diversas vertentes, devido a sua complexidade, ao se perpassar por delimitações econômicas, técnicas e holísticas (BENI, 2008). Neste sentido, devido a ligação do turismo com o *souvenir*, este promove uma movimentação econômica.

Segundo Machado e Siqueira (2008, p. 3), “o consumo é parte integral da vida humana; ocorre em toda e qualquer sociedade”, então independentemente de estar ligado ao turismo ou não, o consumo, ou seja, o ato de comprar algo é uma atividade exercida no dia a dia das pessoas.

Nesta perspectiva, percebe-se o elo existente entre a movimentação econômica de determinado local e o consumo turístico desenvolvido pelo mesmo. Diante disso, Reis (2008) afirma que:

As trocas culturais, o contato com o outro, o estranhamento e a aproximação são caminhos para o reconhecimento de si mesmo e da própria cultura. Não é por acaso que, em seus relatos de viagens, os turistas normalmente destacam costumes e práticas diferentes do que vivenciam em seu cotidiano (REIS, 2008, p. 1).

O *souvenir* está presente na maioria dos destinos turísticos, onde o turista tem a oportunidade de comprar um objeto, que satisfaça sua necessidade: objetos mais caros, economicamente acessíveis, volumosos, pequenos, utilidades domésticas, adornos, vestimentas, gastronômicos, etc. Ao mencionar o souvenir como um objeto comercializado pelo turismo, Gastal (2004, p. 3) comenta sobre o significado cultural deste objeto:

Para o turista que o adquire, além de ser a expressão da cultura visitada, ele significaria recordação, uma memória da memória: um objeto memorialístico a alimentar a memória da viagem, no retorno ao lar.

Desta forma, pode-se dizer que o turista se sente instigado a conhecer as peculiaridades do lugar que está sendo visitado e adquirir o souvenir a partir da percepção sobre a cultura local e a experiência vivida. Com o objetivo de fortalecer o que foi dito anteriormente, Reis (2008) comenta sobre a linha de pensamento do turista enquanto compra um souvenir:

A tentativa de tornar familiar o que lhe parece diferente é o que determina a ânsia do turista por elementos de síntese, de representação simbólica inserida num sistema conhecido de linguagens e significados (REIS, 2008, p. 3).

Com isso, ao pensar em um souvenir que identifique a cultura do município de Jaguarão, surge a ideia de utilizar peças em guasqueria, como *souvenirs* do município. Devido à importância cultural, material e imaterial expressada através desta técnica e também para proporcionar maior visibilidade para este trabalho que é realizado pelos guasqueiros.

Neste sentido, vale ressaltar que a maioria dos souvenirs disponibilizados nos destinos turísticos são confeccionados em regiões distintas de onde está sendo comercializado este produto. Desta forma, os guasqueiros que produzirem este souvenir estarão contribuindo para a valorização cultural desta técnica.

É importante destacar que as peças de guasqueria geralmente possuem tamanhos grandes, visto que são ferramentas de trabalho de campo, mas para comercializá-la como *souvenir* e despertar interesse nos turistas, é importante que as peças tenham tamanho pequeno e de fácil manuseio e um custo mais acessível.

A guasqueria, por ser uma arte feita manualmente, durante a confecção das peças é necessário técnica e habilidade, ao pensar no valor cultural desta técnica, podemos relacionar a guasqueria com o artesanato e também com o *souvenir*.

Ao falar em guasqueria e artesanato, é importante relatar o contexto histórico do artesanato, sendo assim, Lima (2011), afirma que:

Durante milênios foi o único modo que se tinha de fazer objetos. O mundo humano foi feito à mão. Se pensarmos no volume de objetos que já se produziu, manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável mesmo, porque acompanha o tempo da própria humanidade (LIMA, 2011, p. 189).

Neste contexto, pode-se afirmar que o artesanato foi uma criação, que inicialmente não foi comercializada, devido ao fato de que cada ser humano fabricava seus próprios objetos, tanto para casa quanto para o trabalho.

Segundo Fleury (2002) o artesanato tradicional, por ser uma atividade cultural deve ser analisado do ponto de vista social, no entanto devido à singularidade de sua beleza, deve-se também observá-lo do ângulo comercial e mercadológico. Com isso, o artesanato torna-se algo que devemos valorizar cada vez mais, por conta do significado cultural expressado através de um único objeto.

Ao comprar um artesanato, além de contribuir com a valorização da cultura transmitida pelo artefato, contribui-se para a economia local. Nesta perspectiva, podemos relacionar o artesanato com o *souvenir*, onde ambos identificam a cultura e os costumes de determinado lugar. Neste sentido Barroso (2002, p. 10), afirma que “quem compra artesanato, está comprando também um pouco de história. Nem que seja a sua própria história de viagens e descobertas” (2002, p. 10).

No caso de adquirir um objeto feito com a técnica da guasqueria, o turista ou viajante estará levando para sua casa ou para seus amigos e parentes um objeto que fez e ainda faz parte da cultura campeira da região sul, um objeto que, conforme visto, utilizando a matéria-prima disponível na época da ocupação do estado, contribuiu para a lida campeira do gaúcho. É uma forma de, ao mesmo tempo, sustentar o artesão e dar continuidade a esta arte, conforme será visto.

4. Resultados da Pesquisa: Entrevistas e análises dos depoimentos dos guasqueiros de Jaguarão

No decorrer da pesquisa, foram realizadas entrevistas com quatro (04) guasqueiros do município de Jaguarão/RS. Em todas as residências fui bem recebida, pessoas humildes, hospitaleiras e envolvidas com a técnica guasqueira. Na maioria das residências que fui, os guasqueiros me questionavam sobre onde que descobri a guasqueria e o motivo pelo qual escolhi a guasqueria para ser a base do meu trabalho de conclusão de curso, demonstrando, de certa forma, espanto pela escolha do tema.

Assim, explicava que desde a infância tive contato com a zona rural, onde residi durante alguns anos e onde meu avô materno, Sr. Vilmar confeccionava suas próprias ferramentas de lida campeira, dentre essas peças, confeccionava algumas peças em couro. Eu escutava ele falar em tento, corda e não entendia do que se tratava. Com o tempo, meu avô deixou de fazer as peças em couro, e começou a comprar de um guasqueiro, as peças que necessitava para o trabalho no campo, o que estimulou a pesquisa sobre esse tema. De certa forma, a minha história de vida me aproximava dos depoentes da pesquisa.

Algo que me despertou emoção durante o questionamento realizado aos guasqueiros, foi na primeira pergunta que era direcionada aos principais motivos pelo qual haviam escolhido trabalhar com a guasqueria.

Eu [...] era pequeno tinha 12 anos, meu vô era de campo, morava na campanha, e uma vez ele estava hospitalizado, estava doente, [...] e nisso ele teve vários lapsos de AVC, eu era pequeno, nisso eu me apavorei, era pequeno sacudi ele e chamava vô, ele pegou e abriu os olhos e disse isso para mim: “Tchê meu neto, gaúcho que é gaúcho tem que saber fazer suas próprias cordas”, e isso ficou na minha mente, a importância da guasqueria pra mim, é a história por trás dela [...] (Guasqueiro 01, entrevistado no dia 13 de novembro de 2017).

Como podemos analisar, neste depoimento do guasqueiro 01 sobre o motivo pelo qual escolheu trabalhar com a guasqueria, percebe-se a relação pessoal, a memória familiar que está relacionada à técnica da guasqueria, e como ela está diretamente relacionada ao trabalho, à lida campeira. Saber “fazer suas próprias cordas”, para o guasqueiro, era parte importante do conhecimento do peão. O depoente demonstra o que sente pela arte e a potencialidade que desde pequeno identificou na guasqueria, técnica fez parte da sua infância e por admirá-la, decidiu que seguiria com esse legado. Ainda que segundo ele, “é uma manifestação da cultura

do gaúcho”, e que daqui a alguns anos, não haverá mais, por conta da ausência de pessoas interessadas em aprender, fato este que o incentivou a insistir para que o avô lhe ensinasse tudo que sabia sobre a guasqueria.

Sobre a primeira pergunta os demais depoentes informaram que:

[...] Já tem na minha família, foi algo passado de geração a geração, um pouco da técnica eu aprendi com o meu irmão, o resto com o decorrer do tempo eu fui aprendendo sozinho (Guasqueiro 02, entrevistado em 07 de novembro de 2018).

[...] meu pai também meio que trabalhou nisso, então acho que eu segui a profissão dele. É uma tradição que veio de dentro da minha família (Guasqueiro 03, entrevistado em 06 de novembro de 2018).

O que me incentivou a trabalhar com a guasqueria, foi a vida campeira né, eu toda a minha vida fui criado para fora, e toda a minha vida gostei de campo, da lida e de cavalo, sempre fui apaixonado por cavalo (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2018)

Os depoimentos acima demonstram que ambos os guasqueiros, se sentiram incentivados a trabalhar com a guasqueria, a partir da familiaridade que desde pequenos tiveram com a técnica, fato este que contribui para que o guasqueiro 02, por exemplo, tenha sua sobrevivência devido às vendas das peças em couro.

Em relação à segunda pergunta, foi questionado sobre o processo de transmissão do conhecimento da técnica, os guasqueiros relatam que:

Já ensinei alguns amigos meus que tiveram aí querendo aprender, estando disponível e querendo aprender, eu ensino, é difícil é que quando pega no pesado, não tem persistência, o cara tem que gostar e ter persistência (Guasqueiro 01, entrevistado em 13 de novembro de 2017).

Hoje, até agora não apareceu ninguém, é um trabalho que tá difícil de encontrar pessoas interessadas em fazer, toda a profissão tu só vai fazer bem feito, se tu gostar. É que nem eu sou apaixonado por assar carne, adoro assar carne, mas eu gosto da guasqueria, tanto que se tu pegar uma pessoa que não gosta de assar, não vai sair a mesma coisa [...] (Guasqueiro 02, entrevistado em 07 de novembro de 2018).

Olha, talvez o meu filho, se ele quiser, mas sei que já não vai querer, já quer ir para faculdade, então é óbvio que ele não vai querer, hoje em dia tá ruim de ensinar alguém, por causa das leis sociais, então nem compensa tu ensinar alguém, porque se tu bota um aprendiz aí, ele trabalha dois anos contigo, e depois já fica de dono da loja [...] (Guasqueiro 03, entrevistado em 7 de novembro de 2018).

Ah ensinei uns quantos, só tem um cara que esse sabe, ele aprendeu, é um rapaz que mora lá adiante, desde 13 anos, ele frequenta a minha casa, aquele de manhã e de tarde vinha para cá, aquele tem persistência e volta e meia ele tá aqui, dá um problema em uma corda, ele já vem aqui [...] (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2018).

Os relatos citados acima, despertam certa curiosidade, onde um dos guasqueiros diz que não há pessoas interessadas em aprender a guasqueria, mas teria prazer em repassar a técnica, com a finalidade de aumentar os profissionais nesta área no município.

Também percebe-se que a longo prazo, se não for incentivada, a guasqueria não haverá profissionais que saibam fazer esta arte, logo, não haverá mais registros desta prática, fazendo com que se perca mais uma cultura local. Um fator que contribui para esta situação é o êxodo rural pois, se a pessoa não vive na lida do campo, não precisa de cordas, dos artefatos, e logo pode perder o interesse em aprender

Em relação a terceira pergunta, foi questionado sobre o tempo dedicado em cada peça, o guasqueiro 02, diz que depende muito de qual peça que está sendo confeccionada, em seu estabelecimento, as mateiras que são confeccionadas em couro branco, levam em torno de uma hora para ser confeccionadas, como podemos observar na figura 07, a mateira feita pelo guasqueiro 02, são utilizadas para colocar o chimarrão, a cuia, a bomba e a erva-mate, e segundo ele, está entre os objetos mais vendidos em sua loja.

Figura 07: Mateira



Fonte: Autora, 2018.

A figura 07 pode ser considerada um *souvenir* pois, além de ser um objeto confeccionado com a técnica da guasqueria, também carrega a Ponte Internacional Barão de Mauá pirogravada e dá visibilidade a outra tradição gaúcha: o hábito de tomar chimarrão.

O guasqueiro 03, relata que o trabalho dele se torna mais rápido, pois compra o couro curtido, ou seja, não tem de se preocupar com a preparação do couro. Como podemos analisar na figura 08, para fazer um cinto, leva em torno de dois dias. Os cintos foram confeccionados pelo Guasqueiro 03.

Figura 08: Cintos em couro



Fonte: Autora, 2018.

A entrevista realizada com o guasqueiro 04, foi a mais detalhada, pois o mesmo me explicou o passo a passo do trabalho do guasqueiro, desde a preparação do couro, até a peça finalizada. A seguir, serão inseridos alguns trechos retirados da entrevista que foi realizada dia 7 de novembro de 2018:

O couro chega para mim, recém carneado, aí eu vou desgraxar, tirar algum resto de carne que tenha no couro, eu tenho o estaqueador né, tem que limpar o couro primeiro, que é para ficar lisinho, antigamente tu colocava na parte e se lonqueava, mas hoje como já existem outras coisas, que facilita o nosso trabalho e para a gente não se sujar também porque o couro sempre vem molhado, eu comprei um balde de plástico desses liso, aí tu estica o couro e vai lonqueando, o ponto principal da coisa, que é afiar a faca, tem que saber afiar bem a faca, tem que ter uma faca para cada coisa (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2018).

Em sua fala, o guasqueiro 04 expressa o orgulho que sente pelo seu trabalho, e diz que o ato de retirar a carne do couro, é o processo que mais gosta de fazer, onde segundo ele, é o processo que vai definir a qualidade e a perfeição da peça.

Em relação ao uso da faca, o guasqueiro 04, ressalta que além de precisar de uma faca afiada, é necessário ter uma faca para cada etapa de preparação do couro, para que o fio tenha maior durabilidade, na figura 09, está o registro de uma das facas utilizada pelo guasqueiro durante seu trabalho.

Figura 09: Faca de lonqueamento



Fonte: Autora, 2018.

[...] E ainda tem os macetes né, no inverno tem que estaquear o couro com o carnal para cima, carnal é a parte de dentro do couro, e a flor é a parte de fora, no inverno o carnal pra cima para secar mais ligeiro, e no verão o sol queima o couro, ele cozinha a gordura do carnal, aquece aquela gordura, e o couro fica muito fraco (Guasqueiro 04, entrevistado em 7 de novembro de 2018).

Durante a entrevista, o guasqueiro falou nas crenças locais, como por exemplo, carnear o gado bovino em certa lua, pois o couro será mais resistente, assim também define-se a qualidade do couro. Ainda relatou que o couro de uma vaca morta por causa de uma febre, não é um couro bom para o guasqueiro, pois é um material mais frágil que não terá tanta durabilidade. Este relato aproxima-se do que é informado no manual “Mão Gaúcha Trançados em couro” utilizado neste trabalho.

Durante as entrevistas quando chegava na décima segunda pergunta, era feito o questionamento sobre o *souvenir*, a maioria dos guasqueiros entrevistados, argumentam que não haveria possibilidades de fazer esta peça para comercialização no setor turístico, pois consideram que em Jaguarão não há fluxo de turistas com interesse nas peças de guasqueria. Apenas um dos guasqueiros entrevistados,

relatou que produzia chaveiros em couro com frases como, “Lembrança de Jaguarão/RS”. Na figura 10, pode-se observar que por conta da sua loja estar localizada próximo ao centro histórico do município, uma demanda de turistas costuma entrar em sua loja procurando por mateiras, chaveiros e artefatos que identificassem a cidade para que, ao chegar em casa, pudessem ter um material que representasse a experiência vivida na cidade de Jaguarão.

Figura 10: Souvenir feito por um guasqueiro



Fonte: Autora, 2018.

Sobre a possibilidade de fabricação de objetos menores, menos caros, e que possam ter um fluxo maior de vendas, abaixo é possível observar alguns destes objetos adaptados para *souvenir*, com o intuito de despertar interesse nos turistas.

Tabela 01: Objetos que podem ser confeccionados como *souvenir* de guasqueria

Produtos
Chaveiros
Porta-chaves
Imã de geladeira
Revestimento para cuia
Revestimento para térmicas
Mateiras e mini mateiras
Porta-moedas

Fonte: Sugestão do guasqueiro 02

De acordo com o guasqueiro entrevistado, que sugeriu os itens inseridos na tabela 01, haveria possibilidades de confeccionar estas peças citada acima, caso conseguisse investir em uma máquina para auxiliar o processo de confecção dos

produtos. Além do trabalho realizado pela máquina, também haveriam pequenos procedimentos que teriam de ser feitos manualmente.

5. Considerações finais

É possível afirmar que, a partir deste estudo, que mesmo não concordando com a ideia, os guasqueiros poderiam confeccionar pequenos artefatos feitos em couro cru, a fim de comercializar o *souvenir* para a comunidade local e também para os turistas. Assim, possibilitando a expansão de conhecimento, admiração e valorização da técnica.

Do mesmo modo, evidencia-se que a técnica guasqueira desenvolvida no município de Jaguarão/RS, possui características específicas para tratamento do couro e a confecção das peças, o que torna esta atividade peculiar e “encantadora”, principalmente por serem peças exclusivas, caracterizando-se também como uma cultura local, um saber fazer cultural da localidade, porém sem visibilidade no município.

No entanto, com a diferenciação no modo de fazer as peças, nota-se que no decorrer do tempo não há interessados em aprender este ofício, o que resulta em uma saturação de possibilidades de preservação da técnica e o possível esquecimento da técnica de fabricação das peças em couro cru.

No decorrer da pesquisa, foram identificadas outras diretrizes, além dos itens que ressaltai como objetivos a serem cumpridos com este trabalho, como por exemplo, para os guasqueiros a técnica guasqueira possui valor cultural, mas também deveria ter o mesmo valor cultural para os moradores do município, pois esta técnica é uma identidade, uma herança que ainda é expressada, atividade esta, que daqui há alguns anos é possível que seja afetada, pela ausência de pessoas interessadas em conhecer e trabalhar com a técnica.

Por conta disso, neste trabalho também foram utilizadas fotos de algumas peças que são produzidas pelos guasqueiros, a fim de ilustrar as peças em couro, produzidas no município, visto que muitas das vezes, o morador precisa buscar os produtos que necessita (o couro, por exemplo) em outros municípios, por ausência de materiais em Jaguarão/RS.

Com este trabalho, é possível que a comunidade acadêmica também conheça um pouco mais da guasqueria, sendo que na UNIPAMPA, assim como há moradores

locais, também há pessoas que vêm de outras cidades, com a intenção de estudar aqui, e acabam sem conhecer a fundo a cultura local.

Outra descoberta que fiz através deste trabalho está ligada ao turismo, em que no meu questionário de coleta de dados haviam as perguntas sobre a guasqueria, como a técnica foi inserida na vida de cada guasqueiro, visando também o *souvenir*, então apenas uma pergunta foi direcionada ao questionamento para a criação de um objeto em guasqueria para ser comercializado como *souvenir* de Jaguarão.

Conforme visto, o *souvenir* é um elemento que materializa a experiência vivida pelo turista em determinado destino turístico, onde este pode levar para a casa ou presentear alguém, com um símbolo da cultura daquele lugar, com isso estaria de certa forma incentivando outras pessoas a também conhecerem este destino. A criação de um *souvenir* da guasqueria do município de Jaguarão e a comercialização deste, contribuiria para a economia local, e também possibilitaria maior visibilidade deste trabalho, ou seja, não seria um conhecimento obtido apenas pelos moradores locais, mas também pelos turistas que visitam Jaguarão.

Em outra perspectiva, o *souvenir* em couro cru também seria uma fonte de renda extra para os guasqueiros que não possuem demanda de serviços. Além de contribuir com a auto-estima dos guasqueiros que veriam o seu trabalho sendo admirado e valorizado pelas pessoas. A preocupação dos guasqueiros em confeccionar o *souvenir* e comercializá-lo também seria uma oportunidade dos guasqueiros que se sentem desmotivados a seguir com o seu trabalho, continuar desenvolvendo estas peças que são importantes para a identidade local de Jaguarão, conforme visto nos depoimentos.

Os resultados obtidos através dos relatos dos entrevistados denotam a familiaridade do espaço rural com a guasqueria, e toda a representação cultural que esta técnica representa para o município de Jaguarão. O trabalho manual do guasqueiro, de certa forma está sendo ameaçado pelo êxodo rural, pelas monoculturas (CALDEIRA, 2018), pela indústria, onde encontramos materiais pré-prontos, como o couro já preparado, rédeas, cordas de material semelhante ao couro, porém não há tanta durabilidade quanto o couro em si.

Além dos guasqueiros confeccionarem o *souvenir*, haveria a necessidade de realizar uma intermediação entre os guasqueiros e o turista para que o turista que vem até Jaguarão, seja conduzido até este guasqueiro, ou seja, através do *souvenir*, o turista estaria adquirindo um produto produzido no município e que remete a cultura

do local visitado. Esta intermediação pode ser feita, por exemplo, através do ônibus que traz os turistas até o município de Jaguarão, onde em um determinado período do roteiro, o ônibus conduza os turistas até o local em que os guasqueiros estariam disponíveis para atendê-los e comercializar o seu produto, através de expositores, cartões de visita, folders nas recepções de hotéis e pousadas e também organizar um local para que os guasqueiros, juntos, pudessem expor as suas peças.

Com este trabalho, foi possível identificar que apenas um guasqueiro possui interesse em trabalhar com o souvenir, sendo que já confecciona algumas peças, tem vontade de expandir sua produção, valorizando a cultura do município, porém devido a condições financeiras não conseguiu o suporte necessário para adquirir os aparelhos para melhor confeccionar seus objetos.

Por fim, espero que este trabalho também sirva como instrumento de sensibilização e valorização para com o patrimônio cultural, sendo um dos elementos essenciais na vida de qualquer cidadão, bem como a memória e a identidade do gaúcho, em conjunto com a prática guasqueira desenvolvida no município.

Referências

- ALVARES, Fabiano da Costa. **Valorização dos aspectos formais dos artefatos confeccionados por guasqueiros do pampa gaúcho aplicados à joalheria**. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- ALVES, H.F.I. Turismo, identidade e valorização da produção local. In: Congresso Internacional Sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável, 3, 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: EDUSC, 2002 p.76-82.
- ANDRADE, A. C.; NETO, R. M. Recursos paisagísticos. Turismo e degradação ambiental no município de São Tomé das Letras (MG). In: PORTUGUEZ, A. P.et al. **Turismo no espaço rural: enfoques e perspectivas**. São Paulo: Roca, 2006, p. 113.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas: Papirus, 2000. p. 96. (Coleção Turismo).
- BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo: Discussões contemporâneas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007. 175 p. (Coleção Turismo).
- BARROSO, E. N. **Curso design, identidade cultural e artesanato**. Fortaleza: SEBRAE / FIEC, 2002.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 13. ed. São Paulo: SENAC, 2008.
- BERLITZ. **Dictionnaire Portugais – Français**. Editado por Berlitz Guides, 1987.
- BILHALVA, Liza; RODRIGUES, Marta Bonow. Artefatos como suporte de memória na construção da masculinidade no pampa sul-riograndense. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, p.113-141, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CALDEIRA, Alef Franco. **O peão campeiro e a paisagem cultural: estudo sobre os impactos da monocultura da soja em Jaguarão, RS**. 2018. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- DENCKER, A. de F. M. (2002). **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura.
- EMBRATUR. **Manual operacional do turismo rural**. Brasília: Embratur,1994.
- EJARQUE, J. **Destinos Turísticos de Êxito – diseño, creación, gestión, marketing**. Milão: ed. Pirâmide, 2005.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. Renda de bilros, Renda da terra, Renda do Ceará: **a expressão artística de um povo**. Fortaleza: Annablume, 2002.

GÂNDARA, J.M.G., 2008, A Imagem dos Destinos Turísticos Urbanos. In: **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, Número Especial: 1-22.

GASTAL, Susana. O tempo na tessitura pós-moderna: entre o museu-acontecimento e o souvenir-memória. In: **INTERCOM 2004**, 2004, Porto Alegre. Anais Intercom, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. **Turismo: Princípios, Práticas e Filosofias**. Porto Alegre: Bookmann, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz SILVA, Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

KELLER, Paulo. O artesão e a economia do artesanato na Sociedade contemporânea. Maranhão: **Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho**, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. – 4. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda**. Brasília: Ministério da Cultura - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2009.

LOHMANN, Guilherme; NETTO, Alexandre P. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008. (P. 164 – 175).

MACHADO, Paula de Souza; SIQUEIRA, Euler David. Turismo, consumo e cultura: significados e usos sociais do *souvenir* em Petrópolis-RJ. **Revista contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p.2-18, 2008. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10contemporanea_n10_euler_david.pdf>. Acesso em: 23 out. 2018.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1994.

MENESES, J.N.C. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 128. (Coleção Histórias Et. Reflexões).

MEDEIROS, F. B.; CASTRO, C. A Cidade e seus *Souvenires*: O Rio de Janeiro para o turista ter. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v. 1, n. 1, p. 34-53, set. 2007.

OLIVEIRA, Adão Marcial de; GUILLEN, André Luiz; BOECK, Sandro Eduardo. **Paixões do gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

PORTO, Juliana Machado; COLVERO, Ronaldo Bernardino. A prática artesanal guasqueria na cidade de Jaguarão RS. **Relacult**: Revista latino-americana de estudos em cultura e sociedade, Jaguarão, v. 2, n. 0, p.795-804, 15 dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/250/176>>. Acesso em: 20 out. 2018.

REIS, Jarlene Rodrigues. “Lembrei-me de você”: o consumo de souvenirs atribuindo significado à viagem turística. In: V SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 2008, Belo Horizonte - MG. **Anais....Anptur**, 2008. p. 1 - 9.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 477 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. 3. ed. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999, p.90.

RIETH, Flávia Maria Silva; RODRIGUES, Marta Bonow; SILVA, Bilhalva Martins da. AS LIDAS CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29^a., 2014. **Resumo.... Natal**: 2014. p. 1 - 12.SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 89 p. (Coleção primeiros passos; 110).

SCHLEE, Rodrigo Lobato; SOUZA, Fernanda Valente de. **Guasqueria e a arte gaúcha do couro no apero crioulo**. 2007. Disponível em: <<http://guasqueiro.blogspot.com/2008/05/guasqueiro-arte-gaucha-do-couro-cru.html>>. Acesso em: 29 out. 2018.

SITES

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Ficheiro: RioGrandedoSul Município Jaguarao.svg**. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_Municip_Jaguarao.svg>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**. Pesquisa por Municípios. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html?t=destaques&c=4311007>>. Acesso em: 19 set. 2018.

GURGEL, Geraldo. **Semana Farroupilha: turismo e culto às tradições gaúchas**. 2017. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAtimas->

not%C3%ADcias/8165-semana-farroupilha-turismo-e-culto-%C3%A0s-tradi%C3%A7%C3%B5es-ga%C3%BAchas-movimentam-rio-grande-do-sul.html>. Acesso em: 16 nov. 2018.

RODRIGUES, Inayber S. **A atividade do Rodeio no Brasil**. 2014. Disponível em: <<https://inayberrodrigues.jusbrasil.com.br/artigos/155145930/a-atividade-do-rodeio-no-brasil>>. Acesso em: 16 nov. 2018.